

CONVERSA

13-11-57

O MUNICÍPIO de Cachoeiro de Itapemirim vive enclacado, como quase todo município brasileiro. O funcionalismo consome a maior parte da renda. Os impostos são relativamente pequenos e principalmente mal arrecadados. Fulano não paga porque Sicrano não paga, e como Beltrano sabe disso ele também não paga para não se sentir um trouxa.

Por interesse eleitoral ou por coração mole os últimos prefeitos, um atrás do outro, anarquizaram a cidade. Deixam construir em toda parte; a cidade tem crescido em desordem com ruas estreitas e atravancadas, e só não consegue ficar feia porque a topografia não ajuda. Uma das cidades mais quentes do Brasil é quase despida de árvores; em matéria de urbanismo basta dizer que as casas continuam a ser construídas de costas para o rio — e há dois cinemas novos que estão propriamente dentro do rio...

E Cachoeiro cresce, vai crescendo. A atual fábrica de cimento produz 1 300 sacos por dia; a nova, a se inaugurar em março ou abril produzirá inicialmente 7 a 8 mil; ainda o ano que vem será instalado um novo forno que duplicará isso, e faz parte do plano um terceiro, muito maior, que elevará a produção diária a 30 mil sacos, mais ou menos.

Para resolver o problema do transporte é que se começou, afinal, a construir o porto da Barra do Itapemirim, que vai ganhar vida nova. A estrada para lá terá de ser retificada, ampliada e pavimentada; a Barra e Marataises ficarão a apenas 40 minutos de Cachoeiro e funcionarão em grande parte como um bairro marítimo da cidade.

Mas quando vou à praia resolvo voltar pelo trezinho da Itapemirim. Venho conversando essas coisas com um cidadão cachoeirense. Conhecia-o apenas ligeiramente, mas as relações entre as duas famílias são tão antigas que acabamos conversando como dois velhos amigos. Falamos da usina, da fábrica de cimento, da administração municipal... Depois, olhando a paisagem, ele fala de jaqueiras. Todo fazendeiro devia plantar jaqueiras ou mangueiras no pasto, para dar sombra para os bois... E genipapo, ninguém planta genipapeiro, genipapo vai acabar. Quer ver uma coisa bonita que também não se faz mais? Cêrca viva de bambus separando os pastos. E fruta-pão, uma árvore tão bonita, capaz de dar de comer a tanta gente, quem planta mais fruta-pão? E cajueiro? Agora, com a asiática, o caju ficou na moda por causa da vitamina C, que ele tem muito mais que o limão. Mas ninguém planta cajueiro.

E a conversa prossegue, melancólica; não somos dois economistas, somos dois homens grisalhos falando de árvores da infância; e nossa lavoura é toda de saudades e lembranças.